

SCHOUTEN, André-Kees de Moraes. *Peregrinos do sertão profundo: uma etnografia da música de Elomar Figueira Mello*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.

Eudes Marciel Barros Guimarães

Foi março o mês escolhido para a passagem do Galope Estradeiro em cinco cidades do alto sertão baiano.¹ Na noite de domingo, dia 27, como de costume, celebrava-se a missa na igreja de Igaporã. O que não era comum naquele dia era o cenário montado em frente à fachada da pequena igreja, com instrumentos sonoros e luminosos, uma espécie de tenda e diversas cadeiras esperando a plateia que, depois da missa, se dispusesse a assistir à apresentação ainda incógnita para muitos daquela cidade. Acalmadas as crianças e as inquietações com a demora, o *cantadô* Elomar, os músicos e a cantora lírica fizeram sua *performance*, emoldurados pela fachada da igreja que ganhou uma dimensão extraordinária, formando uma imagem quase alegórica que se aprofundava nas camadas sonoras “sertanezas” que ali se faziam ouvir.

Nessa passagem pelas pequenas cidades do sertão, lugar que inspira a composição de sua obra, Elomar Figueira Mello cantou histórias, que continham traços de uma experiência já distante das experiências de muitos dos próprios habitantes do lugar. Ainda assim, foi possível ouvir e ver, nos espectadores mais próximos, ruídos e gestos de familiaridade com as histórias cantadas; e até mesmo um senhor que, surpreso, disse à mulher do lado, sem desviar os olhos do concerto: “ah... eu conheço esse homem de muito tempo, foi lá pelas bandas de Lagoa Real.”

1 Em março de 2011 ocorreu o II Galope Estradeiro, projeto com o objetivo de levar as músicas de Elomar Figueira Mello ao sertão, lugar de inspiração da sua música. As cinco cidades referidas foram Jacaraci, Rio do Antônio, Ibiassucê, Igaporã e Rio de Contas. As apresentações também foram realizadas em Vitória da Conquista e outras cidades fora da Bahia.

Essa passagem serve como abertura para caminhar pelas dobras profundas na análise que André-Kees de Moraes Schouten faz da obra do *cantadô*. Inspirado pela experiência auditiva das cantorias, mas também pelas reminiscências que muitas vezes despontavam com a observação de paisagens já percorridas e cadernos de infância, este antropólogo se propôs a fazer ritos de passagem – conforme sugestões de Roberto Da Matta –, dos quais resultou o livro “*Peregrinos do sertão profundo: uma etnografia da música de Elomar Figueira Mello*”. Produto de sua pesquisa de mestrado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, Schouten dividiu o trabalho em três capítulos – que são, na verdade, três momentos de um “ritual”: quando, em São Paulo, na condição de ouvinte dos discos, estudou a figura do *cantadô* a partir de leituras de Walter Benjamin e Victor Turner; mais tarde, já no trabalho de campo, tomou nota de apresentações em lugares diferentes e encontrou a figura do *bode* em Vitória da Conquista, onde vive Elomar; finalmente, de volta a São Paulo, passou a trabalhar na reagregação de notas e impressões, com o objetivo de construir uma interpretação da paisagem sonora “sertaneza”, na expressão adjetiva do compositor. Nas palavras de Schouten, esse rito de passagem consistiu na saída de “um lugar familiar (São Paulo, Universidade de São Paulo) em direção a um lugar desconhecido (o sertão do sudoeste baiano cantado por Elomar), para enfim retornar ao ponto inicial, mas com o olhar transformado pela vivência do percurso” (p.18).

A leitura sugere indagar a relação do narrador analisado por Walter Benjamin com o *cantadô* (de) Elomar. Para Schouten, existe uma aproximação na medida em que essas duas figuras oferecem aos “seus ouvintes e espectadores a imagem de um mundo que já não mais possui as condições de existência, e que se distancia ainda mais” (Schouten, 2010, p.35). À questão do sentido da figura do *cantadô* quando a reprodutibilidade técnica já não permite experienciar o seu mundo de maneira liminar, o autor responde a partir dos textos de Câmara Cascudo, quando este afirmou as atividades do vaqueiro, e mesmo do tropeiro, como as ocupações mais afinadas com o cantador, pois podiam aprender a arte da cantoria em suas passagens por feiras, vilas, rancharias e pousos. Dessa forma, “os versos, histórias e gêneros musicais aprendidos ali serão ‘ruminados’ ao longo do caminho e, no ritmo que caminha a boiada embalada pelos aboios, gravados nas profundezas do seu psiquismo, para serem acionadas em alguma futura função, arrançadas livremente pelo cantador, combinando-se com os seus próprios versos” (Idem, p.24).

Passagem pelos perigos, pelos desgostos e alegrias em viagens profundas no sertão – o *cantadô* tem as características do errante nas travessias. Aqui também notamos ritos de passagem, quando essa experiência é evocada por Elomar que, em si mesmo, lhe dá vida: “a experiência do *cantadô* se revela numa passagem”, por isso “a sua sabedoria é fruto de uma longa vida de estradar, atravessando terras distantes e desconhecidas onde enfrenta toda sorte de perigos e tentações” (Ibdem, p.31). Uma terceira pergunta nos é apresentada: se esse *cantadô* vem de um mundo que já não tem mais condições de existir, como ele pode ser entendido na figura do próprio Elomar? Será uma experiência espontânea ou sintética?

É na companhia do *bode* que o antropólogo, em passagem por Vitória da Conquista, vai se aproximar de uma resposta. *Bode* é o apelido de Elomar no meio musical, tratamento carinhoso para um homem que também é fazendeiro, criador de cabras. Mas é também, nas palavras de Schouten, um “agente luciferino que emerge em meio a liminaridade da experiência do campo, espaço propício para que ocorram tais encontros” (Ibdem, p.46) – um homem rústico do sertão, desconfiado e difícil de lidar, e que, na condição de *cantadô*, passa a relatar as agruras e perigos de sua vida na “estrada dos desenganos”. É nesse momento da pesquisa que o autor percebe uma tensão entre o *cantadô* e o *bode*, tensão que pôde revelar que “a experiência do sertão profundo oferecida na obra do compositor, longe de ser espontânea, é sintética, trabalho de construção consciente do artista na tentativa de capturar um mundo que já não tem mais condições de existência” (Ibdem, p.55).

Nessa busca pela reconstrução de uma experiência tradicional “sertaneza”, bem próxima da *Erfahrung* na acepção de Walter Benjamin, o compositor elabora e trabalha o conceito de *dobras do tempo* – fundamental, segundo ele mesmo, para entender sua obra. Em vista disso, André-Kees Schouten procura adentrar no *sertão profundo* de Elomar, em que tempos distintos se fundem para a criação desse espaço, uma mistura de real e imaginário, mas com marcas geográficas. É nele que as histórias são construídas e é nele que o *cantadô* habita “na companhia de seus personagens: nem real, nem fictício, o sertão profundo se situa numa dobra do tempo” (Ibdem, p.47). O conceito, elaborado a partir da física quântica e da teoria dos mundos paralelos, é marcado pela ideia de distância espacial e temporal: “o deslocamento no espaço propicia um deslocamento no tempo, sendo possível um reencontro com tempos e personagens do passado: na dobra do tempo é possível reconciliar o inconciliável, articulando presente e passado no ‘intemporal e

infinito do espaço’” (Ibdem, p.51). Esse sertão é um espaço construído pelo *cantadô* na sua “utopia sertânica”, no seu desejo de construção da experiência sintética de “tempos redivivos”.

Não é por acaso que a dobra do tempo do sertão profundo de Sertano, personagem de um roteiro – agora transformado em romance – de Elomar, se encontra com o sertão de Diadorim. Feliz encontro para os estudiosos que desejam visualizar os espaços sertanejos em sua profundidade. Evidentemente, a criação de formas, a plasticidade e a imaginação nas obras de Elomar Figueira Mello e João Guimarães Rosa fornecem, para o campo científico, novas camadas de sensibilidade na interpretação de experiências socioculturais dos espaços sertanejos. Mais do que o *Grande Sertão*, é preciso chegar às suas veredas, andar por elas, senti-las. Não se trata apenas de vidas secas no país da bagaceira ou de mentes vazias num lugar ermo. Trata-se de um sertão em sua profundidade, labiríntico, tanto na geografia quanto no pensamento e na imaginação de quem nele vive.

Chegando aos ouvidos dos metropolitanos, as *músicas* “sertanezas” aparecem como fragmentos, pois é um “gênero liminoide de entretenimento e da ação simbólica, que procura reconstruir uma experiência que já não é mais possível”. Seus retirantes “tornam-se *personae* liminares; e, como o *cantadô*, permanecerão para sempre em ‘estado de passagem’, guardando a eterna saudade do seu sertão encantado” (Ibdem, p.77). O sertão profundo é construído por fragmentos, como se fossem cacos de espelhos juntados, “e com o qual confronta seu ouvinte metropolitano, trazendo aos equipamentos citadinos de reprodução sonora as vozes daqueles que foram vítimas no caminho do ‘natural progresso’ do nosso processo de modernização” (Ibdem, p.81).

Essa leitura instigante que André-Kees Schouten nos possibilita ainda é auxiliada por um “Glossário reunido da obra fonográfica de Elomar Figueira Mello”, anexo ao livro, que apresenta palavras, expressões, termos musicais, termos relativos aos animais, topônimos e nomes próprios. Esse levantamento foi realizado com base nos glossários e comentários – feitos por Jerusa Pires Ferreira, Ernani Maurílio da Rocha Figueiredo e Adeline Clementine Renault – que estão nos encartes que acompanham os discos do compositor.

Talvez o sertão profundo da experiência real esteja presente nas coisas peculiares, como no recado dado pelo *cantadô* ao final da apresentação em Igaporã, a pedido do pároco local: sendo retiradas algumas cadeiras da igreja por alguns moradores para se



acomodarem durante a apresentação no lado de fora, mesmo contra a vontade do padre, este mandou dizer que cada um levasse a cadeira para casa e devolvesse no dia seguinte. Ou talvez os risos provocados por esse recado sejam o sinal de que aspectos peculiares das profundezas do sertão não são mais tão comuns. Para refinar essas questões é bom ler o livro de André-Kees Schouten, e, nas pausas, ouvir um pouco das cantorias de Elomar Figueira Mello.

Eudes Marciel Barros Guimarães

Mestrado em andamento, História-UNESP/Franca

Bolsista CAPES

eudeseembg@yahoo.com.br

Recebido em: 06/07/2011

Aceito para publicação em: 12/07/2011